

## A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO

Prof. Gabriel SANTIAGO\*

### RESUMO

Para metodicamente atingirmos a verdade temos dois processos: a **verdade sintática** (coerência entre enunciados) e a **verdade semântica** (correspondência entre os enunciados e a realidade). O trabalho reflexivo demonstra a realidade objetiva, contudo, o entorno histórico e cultural influem com sua subjetividade na objetividade, quando tratamos temas de perfil humanista e não ciências exatas ou naturais. É preciso portanto fazer juízos de fato e de valor para que subjetividade e objetividade signifiquem um fundamento das coisas.

**Palavras chave:** consciência, sujeito, objeto, conceito, conhecimento.

A consciência é o resultado da atividade humana construída na relação com a realidade externa que vai em direção aos fatos exteriores para analisá-los, e o intelectual deve esforçar-se continuamente

---

<sup>(\*)</sup> Professor Doutor da Faculdade de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas.

para descobrir a realidade total e concreta dos fatos, embora esteja ciente de atingí-los parcialmente.

O fator subjetivo é introduzido no conhecimento histórico pelo próprio fato da existência do sujeito que conhece. Mas há duas subjetividades: uma proveniente da relação subjetiva-objetiva e do papel ativo do sujeito no processo cognitivo; a outra, a subjetividade que altera o conhecimento por causa de fatores tais como o interesse, a parcialidade.

Parece-nos que a objetividade é a distância entre esses tipos de subjetividade e não simplesmente a eliminação da subjetividade<sup>1</sup>. Percebe-se a partir daí que a objetividade não deve conter apenas a lógica, mas também a ética.

O homem não se enfrenta com uma realidade “em si” qualquer, mas com um mundo empírico mais ou menos intencionalmente pré-formado mediante conceitos. Nasce numa circunstância interpretada. Não experimenta seu objeto de uma forma imediata mas o apreende de um modo consciente na medida que lhe dá um nome e o estrutura conceitualmente<sup>2</sup>.

Um conceito é um conteúdo figurativo designado por um termo concreto ou uma combinação verbal. Logo o conceito não é nunca, por mais que isto possa parecer evidente, idêntico aos fenômenos pelos quais se refere seu conteúdo figurativo, nem também reflete os fenômenos da realidade num sentido quase fotográfico. Através de nossos conceitos organizamos o mundo empírico, mas esta organização não precisa corresponder necessariamente a uma estrutura objetiva da realidade.

A dificuldade da relação entre *conceito* e *objeto* se impõe pelo fato de que nossa percepção dos objetos ou situações fatídicas é, forçosamente, limitada. Realmente o problema se situa na atenção

---

(1) Cf. Adam SCHAFF. *História e Verdade*, p. 282.

(2) Cf. Renate MAYINTZ & Kurt HOLM, *Introdução a los Métodos de Sociología Empírica*, p. 13.

seletiva que guia nossas percepções. A seletividade da percepção e por conseguinte dos conceitos, em relação à realidade, não é algo casual e arbitrário. Em certo sentido, percebemos, preferencialmente aquilo que nos é importante e significativo e por isso passa posteriormente a fazer parte essencial do conteúdo figurativo de um conceito<sup>3</sup>. Evidencia-se, com isso, a carga natural da subjetividade humana na apreensão da realidade dos fenômenos. Logo, os conceitos, em virtude de sua seletividade, resultam fundamentalmente axiológicos.

É significativa a afirmação de Adam Schaff na relação entre conceito e realidade:

*“Se a objetividade do conhecimento devesse significar a exclusão de todas as propriedades individuais da personalidade humana, se a imparcialidade devesse consistir em fazer juízos de valor renunciando a seu próprio ponto de vista e ao seu sistema de valores, se o valor dos juízos universais devessem consistir na eliminação de todas as diferenças individuais e coletivas, a objetividade seria pura e simplesmente uma ficção, porque implicaria em que o homem fosse um ser sobre-humano ou a-humano”<sup>4</sup>.*

O problema é que qualquer tipo de investigação enfrenta dificuldades variadas, especialmente as investigações relacionadas com o homem, responsáveis pela impossibilidade de dar a tais investigações o mesmo caráter que tem as pesquisas em ciências naturais. Ora, o homem é sujeito da consciência e a realidade seu objeto.

A objetividade na nossa tarefa se situa mais especialmente na significação humana dos fatos históricos do que na realidade material dos fatos, embora ambos sejam inseparáveis. A propósito, Lucien Goldmann nos sugere o seguinte:

---

<sup>(3)</sup> Renate MAYNTZ, op. cit., p. 14.

<sup>(4)</sup> op. cit., p. 284 - 5.

*“Há coerência no fato duma sociologia conservadora ver claramente as fraquezas duma argumentação revolucionária, e por sua vez cometer os mesmos erros lógicos quando se trata de defender seus próprios valores”<sup>5</sup>.*

Então o que distinguiria o conhecimento filosófico do conhecimento das ciências? Se por um lado as ciências pretendem construir modelos abstratos dos fenômenos, a filosofia não tem tal pretensão pelo caráter próprio de seu objetivo: evitar os modelos dos fenômenos e sim, organizar as significações. O conhecimento filosófico explicita em conceitos a articulação das significações. A filosofia pode ser um modo de conhecimento válido, pois a produção dos filósofos opõe-se à tarefa daquilo que se chama ciência. Lucien Goldman nos diz:

*“O conhecimento da vida histórica e social é uma **tomada de consciência** do sujeito da ação, da comunidade humana. A deformação cientificista não começa apenas quando se tenta aplicar ao estudo dessa comunidade métodos emprestados às ciências físico-químicas, já se encontra no fato de se considerar essa comunidade como **objeto de estudo**”<sup>6</sup>.*

---

<sup>5</sup> Ciências Humanas e Filosofia. *O que é Sociologia?*, pp. 31 - 32.

<sup>6</sup> Ciências Humanas e Filosofia, p. 71.